

Recensão: Zakaria, Fareed, (2020).
Dez Lições Para um Mundo Pós-Pandemia.

Lisboa: Gradiva.

João Tavares

Assistente na Universidade Lusófona e Investigador Associado no
CEAD Francisco Suárez

Neste ensaio de Fareed Zakaria sobre os desafios provocados pela pandemia do novo coronavírus, verificamos que o autor parte de situações concretas, e a sua reflexão é sempre sustentada sob a perspetiva dos valores republicanos da democracia liberal.

Em 2017, o autor já tinha abordado, no seu próprio programa, a possibilidade de uma ameaça biológica como um vírus pandémico ser a maior ameaça que os Estados Unidos da América (EUA) alguma vez poderiam enfrentar. Apesar dos EUA serem uma superpotência hegemónica sem rival, até ao presente momento, Fareed Zakaria alertou que os EUA não estão preparados para lidar contra ameaças biológicas, tal como veio acontecer, com a eclosão da pandemia do COVID-19, cuja lentidão de resposta, por parte da Administração republicana sob Presidente Donald Trump, teve consequências nefastas para os EUA.

É do entendimento do autor que se criou um mundo onde as pessoas se habituaram a ver a sua esperança média de vida cada vez mais prolongada. Os seres humanos tornaram-se invasores no mundo natural, e como consequência, colocaram os ecossistemas da natureza em risco. A natureza, por sua vez, reage contra a agressão da raça humana através da criação de vírus, numa tentativa de restauração de equilíbrio dos ecossistemas naturais contra a agressão humana.

Tendo em consideração que as soluções de capitalismo de livre mercado, introduzidas pela Administração Reagan, são insuficientes para enfrentar estes novos tempos, Fareed Zakaria advoga a necessidade do governo federal

dos EUA se adaptar aos novos tempos. Ou seja, o autor afirma que Washington deve ver o Reino da Dinamarca como exemplo a seguir. Ao contrário dos EUA, a Dinamarca tem uma economia de natureza mista, e teve sucesso no combate contra o novo coronavírus. Zakaria repudia o socialismo radical da ala esquerda do Partido Democrata representada por Bernie Sanders e Alexandria Ocasio-Cortez, que procuram reorientar a questão para o velho debate entre economias de mercados livres, e economias de planeamento central, cujo debate é alheio à atual realidade que vivemos.

O autor afirma que os seres humanos são animais sociais, e o pânico da pandemia não vai fazer as cidades desaparecerem. Aliás, num futuro próximo, prevê-se uma recuperação notável das urbanizações, na qual as cidades ficarão mais bem preparadas para dar resposta às futuras crises pandémicas, como foi o caso resposta da região administrativa chinesa de Hong Kong e a sua adaptação à situação devido a experiência prévia da crise pandémica do SARS, que correu em 2002.

Porém, a reinvenção das cidades não determina a substituição das reuniões presenciais pelas reuniões online, o chamado fenómeno *Zoom*. Zakaria afirma que o trabalho remoto é uma ferramenta fantástica, mas um substituto imperfeito para o contacto humano real. Para relacionamentos já estabelecidos, a comunicação eletrónica é mais uma forma de comunicação, devido a existência de relacionamento de confiança estabelecido previamente. Contudo, com a introdução de novas pessoas no circuito social ou novos colegas de trabalho, esse tipo de relacionamento de confiança é mais difícil de estabelecer, por intermédio da videoconferência, uma vez que não permite a aquisição de capital social. O autor evidencia que o trabalho remoto deixa de fora todas as conversas espontâneas, o convívio social, e as reuniões acidentais que podem gerar inovação ou maior produtividade. E acrescenta, que quando se está a fazer uma videoconferência, estamos a gastar capital social, em vez de adquirir o mesmo.

O que leva a uma conclusão importante, de que as consequências da globalização não vão parar, apesar do apelo político bipartidário para a reindustrialização dos EUA, no qual visa a redução da dependência económica dos EUA com a China. Porventura, esse apelo está a ser ignorado, uma

vez que as empresas norte-americanas estão a deslocalizar as fábricas da China para outros países do Sudoeste Asiático, o que evidencia a vantagem competitiva vai continuar a moldar os contornos do mundo, por agora.

Para um mundo multipolar pós-pandémico, o autor propõe uma solução contra o populismo antielitista que domina o nosso dia-a-dia, no qual afirma que precisamos de mais especialistas e não menos, uma vez que a alternativa de uma governação do poder federal por instinto e ignorância é inconcebível para o futuro que vem aí. O fim do momento unipolar dos EUA e a emergência de uma nova ordem multipolar marcada pela rivalidade bipolar entre Washington e Pequim pode ser gerido de forma pacífica, se evitarmos ir atrás dos apelos desmedidos e de populismo fácil por uma nova Guerra Fria ou um confronto entre os dois Estados.

O diagnóstico de Fareed Zakaria está correto e o seu prognóstico permanece otimista. O autor apresenta-nos várias propostas a considerar, entre as quais a criação de uma reserva médica estratégica semelhante à reserva estratégica de petróleo, cuja ideia os Estados europeus estão a considerar implementar num quadro comunitário da União Europeia.

Zakaria afirma que os Estados para se poderem preparar para a próxima pandemia é necessário existir vontade política dos seus decisores políticos, o que neste momento inclui apoiar a tão difamada Organização Mundial da Saúde e abordar o problema pós-pandémico do agravamento da desigualdade mundial através de fóruns como as Nações Unidas.

É verdade que o destino pode ter uma grande influência neste drama humano, como a História o demonstra ao longo do tempo. No entanto, o futuro ainda não está escrito, como nota o próprio autor numa invocação do filme *Lawrence da Arábia*. Fareed Zakaria está certo em afirmar que não nos podemos resignar a isso. É possível fazer outras escolhas para construir um futuro melhor. Desta forma, Zakaria prestou um serviço inestimável ao Ocidente, ao promover uma discussão necessária sobre como a espécie humana pode fazer melhores escolhas que nos permitem salvar o nosso futuro em relação às calamidades que estão a caminho.

RECENSÕES

Há que destacar que os temas abordados no livro são temas pouco discutidos ou não discutidos de todo em Portugal, enquanto o oposto ocorre nos outros países. Este livro oferece um bom ponto de partida para sociedade civil portuguesa começar a discussão sobre futuro do país e da União Europeia enquanto projeto político a tempo das próximas eleições europeias.